



Os novíssimos intelectuais



Filipe Carreira da Silva

Apandemia de covid-19 mudou muitas coisas. Uma delas foi o papel reservado aos intelectuais na vida pública. Este papel é, hoje, mais contestado do que alguma vez foi nos últimos cem anos. Primeiro com a controvérsia sobre a origem do vírus, depois com a segurança das vacinas, rapidamente se instalou um profundo ceticismo. Um ceticismo quer sobre a fiabilidade da ciência e dos meios de comunicação social, quer sobre o que estes representam – a ideia (idealizada, certamente, mas nem por isso menos relevante) de que a verdade é algo tão frágil e contestável como é essencial a uma sociedade livre e democrática.

Os chamados “populistas” estão entre aqueles que questionam este entendimento de verdade. Das “fake news” às teorias da conspiração, há muito que o populismo é terreno fértil para o anti-intelectualismo. Esta rejeição do papel do intelectual na vida pública, e a concomitante apologia do senso comum, foi um dos efeitos perversos e imprevistos desta pandemia.

Na realidade, o anti-intelectualismo não nasceu hoje. Tem acompanhado, como uma sombra, a figura do intelectual. Desde o século XIX, houve muitas encarnações desta figura. A figura do intelectual começou por ter uma função muito específica. A de iluminar as massas com o conhecimento produzido pela filosofia e pela ciência. Exemplos não faltam. A primeira metade do século XX ficou marcada por figuras como o norte-americano John Dewey, o inglês Bertrand Russell, o francês Jean-Paul Sartre ou o nosso António Sérgio. As coisas começaram a mudar depois da guerra.

Como Zygmunt Bauman explica em *Legisladores e Intérpretes*, a função desempenhada pelo

intelectual a partir dos anos 50 e 60 deixa de ser a de prescrever comportamentos e formas de pensar para passar a ser cada vez mais a de traduzir diferentes tradições culturais ou linguagens. O epítome deste tipo de intelectual, já não universal, mas específico para usar a expressão de Michel Foucault, é Edward Said. Um palestiniano tão em casa no Cairo como em Nova Iorque, Said é o intelectual-intérprete por excelência. A sua tese sobre o chamado “orientalismo” – uma construção ocidental duma realidade geográfica e civilizacional que vai do Médio Oriente à Ásia, incluindo o subcontinente indiano – é, talvez, a expressão acabada deste labor intelectual de tradução cultural.

Com o advento do século XXI, o intelectual-intérprete entrou em crise. Desde logo, as instituições que sempre ancoraram a vida intelectual desde o século XIX – as universidades, os jornais – viram o seu monopólio da vida intelectual ameaçado por novas organizações, mais flexíveis e menos hierárquicas. Um exemplo disto foi o crescimento exponencial dos chamados *think-tanks*, em que a ausência de financiamento público não impede a produção e divulgação de conhecimento válido sobre os mais variados problemas, da economia ao ambiente.

Ao mesmo tempo, surgiram vozes a defender ser necessário ir além da mera tradução de tradições culturais diferentes. Para estes intelectuais críticos, cujo exemplo acabado será talvez o esloveno Slavoj Žižek, é necessário criticar as estruturas de opressão que mantêm algumas tradições subordinadas a outras. Por outro lado, ganhou preponderância uma nova forma de intelectualidade – mais irónica e mordaz, sem ligação a

instituições académicas, mas proficiente no uso dos novos *media*. Figuras como John Oliver, Trevor Noah, com os seus programas de televisão em *prime time* e milhões de seguidores no YouTube, ou, entre nós, Ricardo Araújo Pereira são exemplos desta novíssima tendência.

Durante uma pandemia em que o anti-intelectualismo ganhou vida nova, foram estes novíssimos intelectuais quem mais fez pela defesa da ciência e da verdade. O estilo informal e o recurso frequente ao humor podem levar-nos a pensar que não devem ser tomados a sério. Nada de mais errado. É precisamente aí que reside o seu poder. Se conseguem fazer chegar a sua mensagem a dezenas de milhões de pessoas, influenciar agendas políticas, e transformar comportamentos é, em larga medida, devido a estas novíssimas formas de comunicação.

Nos últimos anos, a sociologia dos intelectuais tem-se dedicado a estudar estas mudanças. Mais do que uma questão de mérito intrínseco da obra ou das suas ideias, o que muitas vezes parece fazer a diferença entre a fama e a obscuridade é a forma como os intelectuais se posicionam num certo debate ou campo científico. Aqui, o trabalho coadjuvante de editores, comentadores e tradutores é fundamental para ajudar a transformar, como explica Michèle Lamont num famoso artigo, um obscuro filósofo francês, “Jacques Derrida,” no ícone global, “Jacques Derrida”. De igual forma, o sucesso dos novíssimos intelectuais depende tanto do conteúdo da sua mensagem, produto de muitas horas de trabalho e muito talento, como duma rede de suporte invisível, constituída por uma vasta equipa de pessoas.

Há uma outra área em que a sociologia dos intelectuais tem muito a oferecer: a análise ao anti-intelectualismo. Desde logo, donde vem esta forma de pensar? O que explica esta aversão ao pensamento abstrato, à figura do intelectual e às instituições que produzem conhecimento sobre a realidade? Uma coisa parece certa: com uma história de séculos, o anti-intelectualismo está aí para durar. Das redes sociais, em que tantas vezes a frivolidade e o preconceito coabitam com a argumentação lógica ou a exposição baseada em factos, a um mundo digital de comunicação e informação instantâneas, é cada vez mais difícil aceitar uma relação hierárquica com os detentores da verdade. Pelo contrário, a verdade é de todos. A verdade saiu à rua. E vai ser muito difícil devolvê-la ao mundo controlado das instituições.

É possível, parafraseando Gramsci, que estejamos a viver a morte de um mundo, mas que um novo esteja ainda por nascer. Isto permite-nos melhor avaliar o mundo que terminou. Por exemplo, o elitismo que acompanha tantas expressões da vida intelectual, do hermetismo do vocabulário utilizado ao moralismo tantas vezes implícito (quando não explícito) nas receitas e soluções sugeridas, é insustentável numa sociedade de iguais. Mas perder de vista o que se pode aprender com pessoas ou instituições dedicadas à produção de conhecimento é uma tragédia, até pelas oportunidades que cria à exploração demagógica das emoções.

Investigador do ICS-ULisboa

As crónicas de Carmen Garcia regressam a este espaço depois das eleições autárquicas de 26 de Setembro

Perder de vista o que se pode aprender com pessoas ou instituições dedicadas à produção de conhecimento é uma tragédia, até pelas oportunidades que cria à exploração demagógica das emoções